

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses  
Ano III—Numero 147 Preço avulso 1 Escudo 12 Paginas

# O DOMINGO

## *ilustrado*

SEMANARIO

R. D. PEDRO V-18  
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM

TODA A PROVINCIA  
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - THEATROS SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



### O FIM DUMA VIDA DE TRABALHO!!

Luis Derouet, um homem bondoso e honrado, trabalhador inteligente e infatigavel, foi assassinado cobardemente á porta da sua officina—a Imprensa Nacional de Lisboa. Respeitemos a sua memoria!



# «LIQUIDAR...»

Morreu Luís Derouet, o so querido amigo, no so camarada, nosso vizinho. A morte do jornalista querido, que três balas assassinas prostraram quando, depois dum dia trabalho regressara ao seu lar, sugere-nos algumas considerações sobre a triste existencia que vive o nosso povo.

O culto pela vida do semelhante, como direito sagrado—mais alto do que as forças humanas—perdeu se entre nós.

Povo de apaixonados e de valentes, de idealistas e de neurastenicos, de doentes e de fatalistas, he je, esfaimado e pobre, o nosso povo vê, no desvario das balas assassinas, um desafogo libertino e tragico.

Ha que ver os antecedentes deste estado sanguinario latente, dando a todos os olhares torvos ondas de vingança.

Não se castigou a tempo. Não se corrigiu a horas!

Ao passo que, na Espanha e na Italia, a pena de morte impoz e impõe ainda paradoxalmente o respeito pela vida humana, entre nós, generosamente, nobremnte, ella a olhou se —como se o carcere não fosse, para muitas almas, infinitamente pior.

Sem esse castigo, que é o temor inato e instintivo, sem o refugio sereno e forte da religião, sem paz e sem fartura que deem optimismo e alegria—gera-se o crime, cuja eclosão, barbara e violenta, não pode já surpreender ninguém.

Para o evitar, que fazer?

Não apenas a repressão violenta—embora precisa e justa—que seria uma terapeutica efemera, mas o estudo das verdadeiras condições sociais que o tornaram possível, e a sua renovação por um processo que resida numa melhoria de facto da situação geral.

Podê ser obra dum tarado imbecil o crime que prostrou para sempre esse homem que só tinha amigos.

Tudo leva a crer, porém, que mesmo uma torpe vingança covarde, ella teve o ambiente propicio e estimulante nessas furnas onde vivem os despeitados da sociedade, os falidos, aqueles que a fatalidade, a insuficiencia e a miseria puzeram á margem da vida, e que, contra os que venceram, se erguem numa vingança de feraz.

A morte de Luís Derouet não aproveita ao tipografo Manuel Pinto, nem aos ideais falsos cu ingenhos que o seu cerebro possa acclher. E, no entanto, para saciar um odio que não cuidou de ver se era justo, o assassino, que é um homem novo, sacrificou á sua miseravel façanha todo o seu futuro, esperando ainda talvez aureolar se d sacrificio.

Matou—e matou cobardemente—um homem que siza do trabalho, que era um generoso e um bom, a rumando lhe o lar; fez chorar lagrimas de fel a uma pobre velhinha e a uma criança em flor, e tudo em nome de se encontrar de mal com a sociedade e com a vida—e da sua profissão ou das suas atitudes num momento lhe não garantirem o sustento.

Como se a morte dum homem modificasse a eterna luta da vida—ou como se mais um lar desfeito trouxesse a felicidade aos outros lares infelizes!

## NO RESTAURANT



—O que têm?  
—Miolo de porco, e boga de vaca e mãos de carneiro...  
—Meu Deus! E como pode viver assim?...

# NOVIDADES E NOTICIAS D'AQUI E D'ACOLA.

## Aviso aos incautos

NO Jardim Zoologico, há um «restaurant», um «bufete», ou como lhe queira chamar. O Jardim é muito frequentado por crianças; as crianças tem, em geral, appetite, e bom serviço ao publico prestou, portanto, a direcção do nosso parque zoologico, ao deixar que neste fosse instalada uma sucursal de «A Garrett». Até aqui, está tudo muito bem. O que não está certo é que se explore tão flagrantemente o publico, esse decantado «restaurant» do jardim, que parece ser antes um recanto do pinhal da Azambuja. Cada meia «sandwich» —dumas que há, muito magrinhas, com recheio de gordura de fiambre —custa noventa centavos. Resumindo, e para não se dizer que falamos sem conhecimento de causa: Ha dias, pagámos um modérrissimo «lunch», no «restaurant» do Jardim Zoologico, por dezassete escudos. Um criado de «cacheco» no pescoco persuadiu-nos de que tínhamos comido uns tantos bolos e por uma minúscula garrafa de agua Castelo pagámos alguns escudos. Enfim, uma autentica exploração. Acautelem se as familias que costumam levar os meninos a passear ao Jardim Zoologico.



Um caso picaresco

mas. Ha quem dê razão aos a listas e quem defenda os interesses dos empregarios.

E' muito doloroso querer trabalhar e não ter aonde. E é muito desagradavel não se ser senhor da nossa propria casa. O Governo procura a solução do problema, que é, em ultima analise, um problema de falta de dinheiro, falta que chega a todos... Com a edificação de mais duas ou três casas de espectáculo, pertença do Estado, já não faltariam aos actores as tais «filinas» que reclamam.

O Estado velaria pela existencia, mais ou menos prospera, do teatro português. Os proprietarios dos theatros iriam beatificamente enriquecendo. Chegaria a occasião em que os actores representariam só para as paredes? Não importava O Estado pagar-lhes ia o seu ordenado, como paga a todos os funcionarios publicos que, «sol-disant», o servem honestamente. O actor seria um simples instrumento de cultura e educação, elemento o necessario para impedir a «desuropeização» de Portugal... Mas onde está aquilo com que se compram os melões e se edificam os theatros?

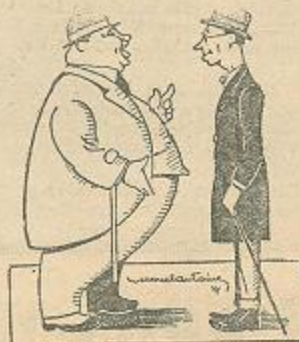
NO Estado de Minas Gerais foram celebrados oitenta casamentos, por um padre que era vener do com o um santo e que curava todas as doenças com as suas orações. Ora, recentemente, um inquerito permitiu descobrir que era um impostor, tudo quanto ha de menos santo e absolutamente nada padre. E aqui temos cento e sessenta pessoas que se julgavam casadas e estão solteiras. Uma autentica scena de «vaudeville»! Está-se a ver que ha de haver quem aproveite a occasião, para refazer a vida... Uma tremenda complicação. Os filhos legitimos passam a ilegítimos, pelo menos perante a Igreja. Ha cerca de meio seculo, deuse um caso semelhante com um evadido das galés, que se transformou em bispo e andou de terra em terra, a fazer casamentos e baptisados, a ministrar a Extrema Unção, etc. Quando se descobriu o embuste, houve grande atropalhão, mas a Igreja resolveu dar por válidos todos os actos religiosos realizados pelo falso bispo. O que vale é a intenção com que se acceitam os serviços religiosos. A Igreja não obriga os crentes ludibriados a pagarem as cul-as dos burlões. A «honra da firma» não é apenas uma frase feita.

## Um caso picaresco

ALIMENTO



## INVALIDOS



—Pois é verdade. Os ovos é que me tem encluido...  
—Mas o amigo não está proibido de comer ovos?...  
—Estou, mas não estou proibido de os vender!...

# crônica da semana por Norberto Lopes

## Paiz aos mortos!

As mana que findou foi uma semana tragica, uma semana triste. Não bastava a comemoração dos mortos, a romagem aos cemiterios, a recordação piedosa das pessoas queridas cujas vozes familiares se calaram para sempre.

O destino quiz que a primeira semana fosse assinalada por um acontecimento que enlutou não só a imprensa portuguesa como o país inteiro, justamente alarmado pela rapida progressão que entre nós vai tomando o atentado pessoal.

Luís Derouet era um camarada nosso muito querido, daqueles que mais honraram a profissão a que se dedicou com juvenil entusiasmo, desde o alvorecer dos seus dezassete anos.

Como todos nós, veio para o jornalismo animado por um sopro de belas iluzões e ao jornalismo dedicou, durante vinte e cinco anos consecutivos, toda a sua fé de lutador incansavel, todo o seu entusiasmo de patriota sincero, toda a sua bela intelligencia de organisador modelar.

Nós, que v'emos mais tarde, encontrámos sempre nele o conselho salutar, o justo elogio, o incitamento leal áqueles que começam a trilhar a mesma estrada, onde as poucas e desmaiadas rosas que se colhem nos deixam por vezes as mãos tintas de sangue.

A sua morte—que ele nunca sonhou tão ruidosa—tomou cores de acontecimento nacional. O país inteiro repudia o atentado que veio acrescentar mais uma vitima inocente ao longo martiologio politico e social dos últimos vinte anos.

Nós, os jornalistas que queimamos a moçada na mesma missão ingloria em que se empenhou Luís Derouet, choramos a sua perda como a dum irmão querido, que desapareceu para sempre do scenario familiar que era grato ao nosso coração.

NORBERTO LOPES

Lêr na pagina 4 o Concurso de A costureira mais linda de Portugal

Este numero foi visado pela comissão de censura

## Uma progressão

A agua subiu no preço e na percentagem de micrbos. Passou a custar mais um tostão, em cada metro cubico. Passou a ter mais mil e quinhentos micrbos, em cada unidade analisada. Não se pode dizer que tenha havido exorbitancia no aumento de preço. E' preciso ser muito caurra para levantar qualquer objecção. Tanto mais, que se provou o sacrificio financeiro da Companhia, que só a muito custo se tem sguentado.

E' possível que, em qualquer outro país, se pensasse em recorrer a mil expedientes—contribuição especial, selo especial, etc, etc,—para realisar a obra de interesse geral que seria o abastecimento de agua pura e em abundancia, aos habitantes de Lisboa. Entre nós, adoptam-se outros processos: previnem-se os habitantes de que não bebam agua e pede-se-lhe que a comprem mais caro...

## A tragedia dos comicos

TEM dado que falar este caso dos actores irem pedir ao Governo para não permitir que os theatros sejam transformados em cinê-

—Que tens tu?  
—Está lá minha mulher a galar o meu automóvel, e tu?  
—Ela pediu-me o mesmo e eu não a satisfiz!...



O DOMINGO  
ilustrado

# HUMORISMO

## BOLO PODRE

**E**NTRA-SE numa pastelaria e compra-se um bolo de regulares dimensões. Préviamente pergunta-se ao caixa se o bolo é fresco, e como ele responde que é fresquíssimo, podemos atribuir-lhe quinze dias de existencia. Leva-se o bolo para casa, fecha-se num armário e liga-se-lhe tanta



importancia como se elle fôsse uma pessoa da nossa amizade. Passado mês e meio, vai se buscar o bolo e serve-se podre, como se desejava.

Convém que no armário não haja ratos, senão o bolo não chega a apodrecer.

## PARA LIMPAR O OURO, A PRATA E AS PEDRAS PRECIOSAS

Não se deve confiar ás criadas, quasi sempre desleixadas, a limpeza das joias e das baixelas. Para o efeito bastará expôr os objectos de ouro, de prata e as joias com pedras preciosas



num sitio bem visivel e ao alcance do primeiro gatuno que appareça. A «limpeza» é radical e rápida, só havendo o trabalho de ir reclamar os objectos á policia, mas como ella nunca os encontra, poupa-se ainda a maçada de ir lá busca-los.

## CASAS ENCERADAS

Hoje em dia, quem usa os sobrados encerados nem sempre consegue ter a sua casa limpa, porque, ou falta a cêra, ou a aguarraz, ou faltam as duas coisas ao mesmo tempo. O progresso, porem, que trouxe a «ballarina» para fêrvêr a agua enquanto a criada esfrega um olho, tambem arranhou meio de obstar a estes inconvenientes.

Para se ter um sobrado encerado a preceito, toma-se um carpinteiro das obras do Estado, dá-se-lhe vinte e seis mil reis por dia e, com o pretexto de que o chão precisa duns remendos, mete-se na casa a encerar. Ao fim dum dia de oito horas a cêra produzida é tanta, que dá para os parquets dum prédio de seis andares.

## ROUPA BRANCA

O pano e o sabão, as rendas e os boiões estão pela hora da morte, que deve ser uma hora mais cara que a



Por XISTO JUNIOR

## Coisas e loisas que interessam às donas de casa

dos antigos automoveis de praça. Desta carestia resulta a da roupa branca, ficando agora uma camisa de chita dez vezes mais cara do que antes da guerra ficava uma camisa de onze varas.

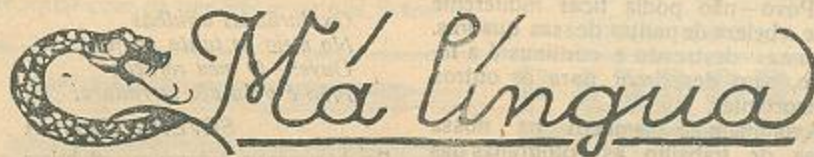
Como é feio andar com a roupa suja, aqui alvitramos que se substitua a roupa branca pela roupa preta, que só se suja de branco, e como ninguem sua alvaiade, não tem os inconvenientes daquela.

## GELEIA DE MÃO DE VACA

Accepta-se a primeira mão que nos oferecerem, sem querer saber se é de boi ou de vaca, apertando-a estreitamente entre as nossas mãos, para que não venham tira-la. Em seguida põe-se

a mão no lume, retirando-a depois e expondo-a em sitio bem fresco, estando abertas todas as janelas.

As pessoas que estiverem presentes devem começar a dizer umas para as outras que está um frio de rachar, batendo o queixo, pondo as senhoras os seus abafos e peliças, enquanto os homens levantam a gola dos sobretudo e calçam as luvas forradas. Ao cabo dum quarto de hora desta manobra, a mão de vaca, que é muito ingénua e não gosta de contrariar ninguem, entra a concordar que, de facto, está muito frio e começa a gelar, para ser agradavel. Quando se apanha a mão de vaca neste estado, os circunstantes saitam-lhe em cima e metem-na em copinhos de vidro, que ta



## ''O TORTO''

*Elle nasceu de uma familia honrada... O pai, lutando todo o santo dia, tinha no aço luzente de uma enxada o seu timbre melhor de fidalguia.*

*A mãe, na casa como na fazenda, era uma abelha; genio sofredor... Sentava-se ao Domingo a fazer renda e tratava dos filhos com amor.*

*Eram muitos. A Rosa foi primeiro, depois o Antonio, um grande latagão, a Arminda, a Julia, o Pedro... Era um vespeiro, um povo em germen numa povoação.*

*Depois do «Torto» inda nasceram dois — a alma dos paes chegava para mil... — mas um delles morreu pouco depois, o outro, dizem, é rico, no Brazil.*

*Todos casaram, mais ou menos, bem, e vão seguindo a vida aonde ella vae. Cada uma dellas, ama, sofre, é Mãe. Cada um delles trabalha, luta, é Pae.*

*Só o «Torto» não casou. Porque cresceu marcando as más tendencias de pelia, e quantia rapariga pretendeu, por elle ser assim, nenhuma o quiz.*

*Orá! Desde pastor, quando entre os mais encaminhava os gados nos caminhos, e assolava distantes pinheirões capitaneando o eterno assalto aos ninhos,*

*elle mostrou toda a disposição para abusar de uma fraqueza incauta; que requintes no furto de um peão, de um arco de barrica, de uma flauta!...*

*Com dize anos talvez, roubou a égua do Benjamin [que negociava em lã]; foi agarrado; ao cris, — mais de uma légua! — Só no dia seguinte de manhã.*

*E desde então até agora, o «Torto», não parou na lacteira que descia. Não ha ninho roubado ou gado morto que não o accuse logo a freguesia.*

*— «O Torto! que ladrão!» — triste fallar que logo enc. ntra em que se exemplifique — «Então ao Pinto não lhe foi roubar a cabeça de cobre do alambique?» —*

*E hoje, anda a monte. Ha ordem de prisão nestes quatro concelhos mais vizinhos; mas vem, e vae, ninguem lhe delta o mão, perdoam-se-lhe quasi os descaminhos;*

*tem uma especie de cabana ao cimo da Vide, nos pinheirões da Borrallheira, onde aparece se procura arrimo, cançado de mais grossa roubalheira.*

*«O Torto está na Vide...» volta e meia dizem isto uns aos outros em segredo; e sabe-o o regedor; e sabe na aldeia que este o não vae prender porque tem medo.*

*Eu, não o insulto. O coração da gente se uma firme razão lhe não accóde, não é, no sonho, um salteador consciente que tambem só não rouba o que não pode?*

*Não se contenta só co'o que lhe é dado, quer mais. Vae de i'horizonte a horizonte. Sim. Se se vê ferido ou desdenhado sei eu que um coração apaixonado é um amigo do alheio que anda a monte!*

pam com rodellas de papel, evitando assim que a geleia se arrependa e volte á primeira forma.

Como se vê, é simples e intuitivo, como o método João de Deus.

## FLANELAS QUE ENCOLHEM

É frequente acontecer a uma dona de casa, que mandou á lavadeira o seu roupão de flanela, encontrar-se em presença dum chambre de recém-nascido, em vez do amplo vestido que mandara lavar.

Quando se dão estes casos de as flanelas se meterem nas encolhas, as peças de vestuario não ficam, por isso, inutilizadas. O processo a aplicar é simples:

Coloca-se a peça de flanela encolhida sobre uma cadeira, e uma pessoa, com pratica do magisterio, põe-se a interroga-la sobre a geografia politica da Europa. Como depois da guerra tudo mudou, desaparecendo umas nações e surgindo outras, a flanela estende-se infalivelmente e o resultado está conseguido.

É conveniente não fazer um interrogatorio muito longo, para evitar que a flanela se estenda de mais, o que obrigará a lavá-la outra vez.

## CALÇADO APERTADO

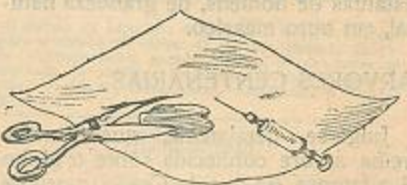
Mais desagradavel do que uma bota apertada só ha uma cousa: é um par de botas apertadas.

Desde que a humanidade usa botas que este flagelo a afflige e, no entanto, nada mais facil de remediar. Para o efeito basta cortar a parte do pé onde a bota aperta e imediatamente o calçado fica como uma luva.

## MODO DE TIRAR NODOAS SEM DOR

Não se tratando de nodoas de honra, que essas só se lavam com sangue, é simples e eficaz o processo que vamos indicar para tirar, sem dor, qualquer especie de nodoa de todos os tecidos.

Trata-se, por exemplo, duma mancha de gordura em vestidos de seda. A lei-



tora dá uma injeção de cocaina na parte manchada e em seguida corta o tecido em volta da nodoa, com uma tesoura bem afiada. Podemos garantir-lhe que a nodoa sai completamente e que o vestido não sente a menor impressão, por estar anestesiado.

## PARA MATAR A TRAÇA

Ha muita gente que para acabar com a traça emprega naffalina e outros ingredientes mal cheirosos, mas o processo mais radical, quando se dá pela traça a roer, é comer um bom prato de chispe com feijão branco e meia duzia de ovos estrelados, pelo menos.

Ultimamente este sistema tem sido pouco empregado, por motivo da carestia dos elementos que utiliza, e por isso a «traça» tem alastrado, que é um louvar a Deus.



## Curiosidades

## AS ANDORINHAS

A partida e o regresso das andorinhas são dois acontecimentos que não se realizam nas mesmas condições: as chegadas são sucessivas e as partidas são colectivas. Nas nossas regiões, a andorinha reaparece entre 22 de Março a 21 de Abril. Algumas precedem as outras e constituem uma especie de vanguarda. E depois de se terem reunido, vão-se tôdas embora, desde os últimos dias de Setembro aos primeiros dias de Outubro. As datas da partida e do regresso variam pouco, dum ano para o outro, para a mesma região, e são as condições de existência, as circunstâncias atmosféricas que determinam a migração. As andorinhas demoram-se mais nos paizes húmidos, onde os mosquitos, de que fazem o seu alimento, não são destruídos pelo frio precoce. E' assim que podem demorar-se até os últimos dias de Outubro, ou os primeiros dias de Novembro, sôbre as costas occidentais da Inglaterra. Na Suécia, chegam perto dum mês mais cedo que em França e a sua partida efectua-se uns oito dias mais tarde, o que corresponde bem, dizem os meteorologistas, á situação relativa dos dois países.

## UM BILIÃO

Fala-se muito de biliões, mas poucos sabem, ao certo, o que isso significa. Um bilião-ouro pesa 322 580 quilos e faz um volume de 16 metros cúbicos e três quartos. Passado á fieira, um bilião-ouro pode, sob a forma dum fio com o diametro de três quartos de milimetro, dar a volta ao globo, no equador. Para transportar um bilião-ouro, dispoendo dos meios de transporte habituais nas vias ferreas, seriam precisos 64 «vagons» contendo cada um 5 000 quilos do precioso metal. Fundindo um bilião de francos-ouro, obter-se-ia com que fazer 22 estatuas de homens, de grandeza natural, em ouro massiço.

## ARVORES CENTENÁRIAS

Julga-se, geralmente, que a mais velha arvore conhecida sôbre o globo é a famosa *Bo-tree* de Ceilão, a arvore sagrada que se venera em Amarudhapura e á sombra da qual, segundo a legenda, Budha meditou até conseguir chegar á sabedoria. Mas *Bo-tree* só foi plantada 288 anos antes de Cristo. Quere dizer que é muito mais nova do que o cipreste gigante de Chapultepec, no México, que mede 36 metros de circunferência e deve ter mais de seis mil anos. Algumas grandes coníferas da California ultrapassam 100 metros de altura e contam, pelo menos, dois mil e quinhentos anos. Um kauri enorme, recentemente descoberto na floresta septentrional da Nova Zelândia, tem um diametro de 21 metros e deve ter vivido vinte séculos. Calcula-se em cinco mil anos a idade de certos baobabs de Africa. Sabe-se que oito das arvores do monte das Oliveiras, em Jerusalem, já existiam em 1099, ou seja, portanto, há mais de oitocentos anos.

## UM GRANDE CONCURSO POPULAR

## Qual a costureira mais bonita de Portugal?...

O inquerito do DOMINGO ILUSTRADO marca um exito sem precedentes

## NOVAS QUADRAS

De dia para dia vão sendo mais avultadas as remessas de quadras para o nosso Concurso. Mas o espaço de que dispomos impede nos de lhes dar immediata publicidade. O «Domingo Ilustrado» não fará, entretando, selecções, e TODAS as quadras serão publicadas na sua altura, pela ordem de entrada no nosso jornal.

Muitas dessas quadras são «preciosas», pela sua singeleza, pela graça do conceito, pela espontaneidade da sua composição.

O «Domingo Ilustrado», embora não marque preferencias e acolha sempre com prazer até as mais imperfeitas—pois o nosso Concurso foi feito para o Povo—não podia ficar indiferente ante a beleza de muitas dessas quadras. Tem-nas destacado e continuará a fazê-lo, sem desprimor para os outros concorrentes.

Avolumam-se tambem na nossa mesa de trabalho as fotografias das costureirinhas da terra portuguesa. Mas dentro em pouco O «Domingo Ilustrado» dedicará varias paginas a essa interessantissima documentação.

## Haverá espaço para todos os concorrentes

O DOMINGO ILUSTRADO empenha-se em saber qual é a

## Costureira mais bonita de Portugal

Enviem quadras!

Enviem fotografias!

Ainda á Maria Augusta, que tanto se amouu —talvez na sua modestia...— pela revelação que fiz das suas virtudes... de colorista...

Quando a agulha te picar  
Não te queixes, feiticeira...  
Olha que o meu coração  
E' a tua pregadeira!...

E' a tua pregadeira  
E cada agulha uma pena

No coração e nos olhos  
Tens o sol do teu paiz  
Ail feliz quem tu amares  
Feliz, mil vezes feliz!...

J. L. S.

Que arrelia eu sinto  
Por não saber ver-sejar,  
Faria versos á menina do 5.º  
Assim tenho que me calar

Ela chama-se Guilhermina  
E' boa como o outro que diz:  
Amavel, espirituosa e fina  
Mais engraçada que um petiz!

UM ANORMAL

A' formosa Berta dos Santos—Grandes Armagens do Chiado.

As meninas dos teus olhos,  
Incansaveis balladeiras,  
Tinham agulhas aos molhos,  
Quizeram ser costureiras.

Com linha de varias côres,  
—Vê lá tu que diabrura!—  
Cosem mil e mil amores,  
Não mais acaba a costura...

UM BERTO

A' Mariasinha.

Picaste-me com a agulha  
A palma da minha mão  
Mas eu senti a picada  
Dentro do meu coração

Lisboa

ORIAM

A uma costureira.

A costureira mais linda,  
Sendo ela um «camafeu»,  
E' aquela que na vida,  
Nunca sua honra vendeu.

CRISANTEMO do «Noticias de Campo Maior»

A' Maria Julia do—(Grandela).

Talvez nem mesmo exista e simplesmente  
Seja um sonho quimerico dos meus!  
Talvez apenas seja o olhar de Deus,  
volvido para mim, piedosamente!

MARCEL

A'quela que desce todas as manhãs Almirante Reis ás 9 1/4, e vai para a Rua do Mundo.

A's vezes co'os meus botões,  
penso—e ninguem mo conteste!  
—que a maior das perfeições  
fê-la Deus quando nasceste.

MAXIMO

A' M.lle Julieta Mendonça. Trabalha em casa.

Quando nasceste, tu fôste  
Fadada não p'ra teu mal  
Mas p'ra seres a costureira  
Mais linda de Portugal.

JOAQUIM MOREIRA

## TATÁ

(O AS DOS CHAPEUS DE SENHORA)

TATÁ É CONSID'RADO UM MONUMENTO  
NA CLIENTELA DO MAIS ALTO GRÁU  
PORQUE NA RUA DE S. NICOLAU  
ABRIU UM NOVO ESTABELECIMENTO.

ENCHEU-SE LOGO A CASA E, NUM MOMENTO  
NÃO SE ENCONTROU UM SÓ MODELO MÁU;  
TUDO ERA LINDO E COMO QUE UM DEGRÁU  
DA FEMENIL BELESA EM COMPLEMENTO

DA GLORIA DO BOM GOSTO É SUA A C'ROA!  
ASSIM A TUBA, AO VENTO, ESPALHARÁ  
A FAMA QUE DE HA TEMPOS SE APREGÓIA!

DAI NINGUEM JAMAIS DUVIDARÁ  
QUE QUALQUER DAMA CHIC DE LISBOA  
SÓ USA O SEU CHAPEU «SIGNÉ»—TATÁ...

Reporter B



O DOMINGO  
ilustrado

# TEATROS

## OS FANTASMAS

Adelina Fernanndes

### Nota da redacção

No nosso ultimo numero, sem conhecimento das pessoas que orientam este jornal, foi transcrito dum semanario humoristico que se publica no Brazil um artigo em que parece transparecer um certo desdém pela deliciosa «trouvailla» comica que é o *Leão da Estrela*, a peça alegre que mais representações e maior exito tem alcançado em Portugal e no Brasil e cujos autores são os que constituem a famosa Parceria Portuguesa. Porque nutrimos por João Bastos e Felix Bermudes, e pela memoria desse grande homem de teatro que foi Ernesto Rodrigues, uma sincera admiração, e porque reputamos a sua obra alguma coisa de notavel, impõe-se-nos o dever de esclarecermos os nossos leitores quanto ás circunstancias dessa publicação, registando nós a nossa velha opinião de que, tal como foi representada em Lisboa, a peça *O Leão da Estrela* constituiu uma «charge» oportunissima, uma critica aos exageros de sport e ao arrivismo politico, com bôa graça, tecnica perfeita do genero, e um dos legitimos e insofismaveis grandes exitos do nosso teatro ligeiro.

Acresce ainda, a justificar esta rectificação, a nossa inalteravel estima e admiração pelo grande actor brasileiro Leopoldo Froes, legitima gloria da sua terra, e pelo nosso actor Chaby Pinheiro, cujo grande valor como comediante ha muito está consagrado.

### CA POR DENTRO

Consta que o tenór Alves da Silva depois de fazer o *Cara Linda* vae dedicar-se ao teatro de declamação para o que evidenciou decidida vocação.

—Deve partir para o Porto dentro do proximo ano a companhia Oscar Ribeiro.

—Vae-se desvendando o misterio do elenco da companhia José Climaco. Sabe-se que dela fará parte a grande Adelina Abranches.

—Consta á ultima hora, que a grande Adelina Abranches não fará parte do elenco do Eden-Teatro.

—Consta que para aproveitar a loja de merceria que rigorosamente se montou para a peça «Grão de Bico», a Companhia Hortense Luz vae levar á scena a peça «O feijão Frade».

—Consta que a maioria dos artistas dramaticos resolveu só ganhar durante os ensaios, suspendendo os seus vencimentos durante as representações das peças.

—No Variedades, a seguir ao «Cara Linda», mostrar-se-há a peça de costumes teatraes «Todos prá tua».

—Consta que o actor Alves da Cunha, a seguir á «Gran Duqueza», vae montar uma revista, as fim de aproveitar a «gentis Girls» que fazem parte do seu elenco.

HA menos dum ano, os artistas, apoiados pelos autores, levaram a bom termo uma campanha contra o teatro estrangeiro. Os poderes publicos interferiram na contenda, decretando pezados impostos sobre as *tournées* e protegendo valiozamente a representação dos originaes portugueses. Fizeram-se manifestos, escreveram-se artigos, organisaram-se comicios. O argumento mais evocado era o desemprego dos artistas nacionais, motivado —dizia-se—pela affluencia das companhias estrangeiras. A critica encolheu-se para não ser vaiada de anti-patriotica. Ela bem sabia que o mal não era o teatro estrangeiro, mas outro, muitos outros, divididos em partes iguais por comediantes, dramaturgos, emprezarios e scenografos. Como ninguem queria tomar sobre os ombros as responsabilidades dos seus erros, o espantinho serviu ás mil maravilhas para mascarar um momento a queda vertiginosa do teatro português desviando-a das suas verdadeiras causas. Cometeu-se o crime, expulsando os que vinham de fora, como tinham vindo vinte anos atraz, com o visconde de S. Luís de Braga, sem que por isso as dinastias dos Rosas, Brazão, Ferreira da Silva, Lucinda do Carmo, Damasceno e outros tivessem sido abalados no seu prestigio, no seu contacto com o publico.

Quais foram os resultados obtidos? Nenhum! E' doloroso dizer-lo, mas é verdade. A crise do desemprego não recuou um milimetro. Pelo contrario: avançou leguas. O original português ficou onde estava: na gasetta, considerado indesejavel. E a dança dos ordenados; as companhias parafulzos; as *tournées* ruinosas, na provincia; as vaidades, as traduções — continuaram, subiram, alastraram, subvertêram.

Passado um ano engendrou-se um novo inimigo: o animatografo. Como não era possivel diminuir a sua beleza artistica, os elementos que possui, a grandeza dos seus meios de execução, — afirmou-se, como argumento exterminador, que ele pretendia introduzir-se em determinadas casas de espectáculo.

Sou pelo teatro. Sou pelo teatro, mas não contra o animatografo. Não é preciso defender um, atacando o outro. Uma ideia, um homem, uma acção valem por si. Caminham e lutam com as suas proprias forças. Porque não tenta o teatro português reanimar-se, olhando de frente o futuro, sem se importar com os que vão e os que ficam?



A nossa primeira interprete do *Fado* realiza um milagre de beleza nessa linda «Canção da Sr.<sup>a</sup> da Saúde», scentelha de maravilha que esmalta a «Revista de Lisboa», em scena no Teatro Salão Foz.

### ARTUR EMAUS

Seguiu ontem no Sud-Express para Paris, o illustre empresario Artur Emauz que ali vae contractar notabilidades de *musi hall* para a inauguração da epoca de inverno no Teatro Salão Foz, a 21 do corrente.

Artur Emauz visitará em seguida as principaes cidades de Espanha afim de atrair a Lisboa os grandes nomes do Teatro ligeiro.

### Chiado Terrasse

O cinema da parte alta da cidade. O velho «Terrasse» agora arranjado de novo. O pai dos cinemas lisboetas. Optimos filma, sempre variados e para todos os gostados de publico. As grandes produções de aventuras. Preços em concorrência. Amplissima e elegante sala.

### Odéon

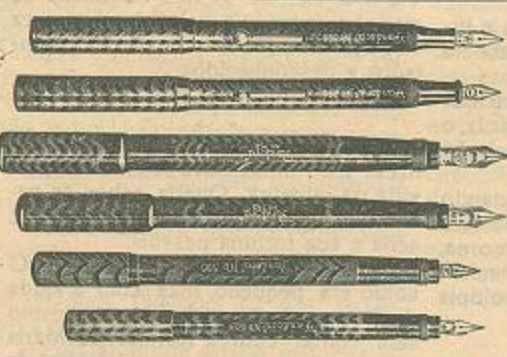
Um cinema digno de uma grande capital. Casa de espectaculos modernos, confortavel, de risco bizarro. Odéon exhibe as mais notavéis super produções de grande fabrica Americana «Motre-Oodwin Mayer». Os espectaculos do Odéon estão a marcar um acentuamento de elegancia.

### Trindade

Lucília Simões-Erico Braga inauguram a sua temporada de inverno com uma peça que corre mundo: «O Fauteuil 47». «Fauteuil 57» está traduzido em todos os lugares. Fizeram-se novellas, fizeram-se filmes. «O fauteuil 47» encontra-se hoje em todas as platéias de todo o mundo. Não ha platéias que não tenham um fauteuil 47...

### ARTUR PORTELA

## PANDORA



é a última palavra em canetas de enchimento automatico. PANDORA, substitue, por isso, com vantagem, qualquer outra marca. PANDORA é a mais barata das suas similares.

Pedir nos estabelecimentos das especialidade

Representante:

J. A. Soares, Limitada  
R. de S. Neme de, ao Caldas, 81, 1.º  
LISBOA Tel. C. 198

## Cabeleireiro de Senhoras

Cortes de cabelo a senhoras e creanças, Ondulação Marcel e Pintura em todos os generos por pessoal devidamente habilitado. — Gerente tecnico ALEXANDRE PERESTRELLO.

Salão Elegante das Avenidas

49-A, AVENIDA DA REPUBLICA, 49-C

Telefone Norte 5 689

### Cosulich Line

Agentes: — E. PINTO CAES DO SODRÉ, 64, 1.º

### Baron Forbes

esperado em 7 de Novembro

BASTO & O. A. L. DA LISBOA  
Telef. C. 3601, 3602 e 3603

### Politeama Avenida

Grandes espectaculos cinematograficos com Super-Produções. «Simone» de Irioux e «Barreira das Ruínas», a formidavel realisação de Cecil B. de Mille. Logo que o sr. Ooverador Civil o permitta, «O Arquero do Volga», um dos mais belos films do mundo inteiro.

Companhia Satsela-Amarante. A companhia mais simpatica ao publico. Além de Amara, maior creador actual de tipos populares, este conjunto conta elementos como Luiza Satsela, uma notavel actriz que reúne o encanto duma novidade e a «fic» paralisca de seu estilo. Hoje a par quanto todas as noites «Água-pé».

### Foz

«Revista de Lisboa», o novo original de Silva Tavares, Lourenço Rodrigues e Alvaro teal, musica de Hugo Vidal e Raul Ferrão, está nas suas ultimas representações. afim de dar entrada aos espectaculos da «Troupe Almas». Com a «Revista de Lisboa» exitosa, em fim de festa, a «Troupe Internacional Conjunctos de Arte», que vem precedida de grande recame.

### Pathé

Espectaculos modernistas com grandes atractivos. O mais fresco cinema de Lisboa. Alegria e arte.

### Jardim Nacional

O divertimento de grandes e pequenos. Preciosos exemplares da fauna de todo o mundo. O Jardim Zoologico, com o atractivo da sua Aldeia dos Macacos imaginada pelo illustre sur-nicciado Raul Lino. acha-se aberto todos os dias, das 10 ao pôr do sol.

### Coliseu

Continua a marcar o maior exito «A Grã Duqueza» e o «Credo de Quatro», de Alfred Savori, tradução de Alvaro de Andrade. Alves da Cunha interpreta o papel de um galã comico, um rapaz de vinte anos, cheio de alegrir e de vivacidade. Vale a pena ver o illustre artista neste papel, o melhor, talvez, de toda a sua carreira.

### Coliseu

As maiores atrações dos principais circos do mundo no vastissimo, elegante e confortavel Coliseu dos Recreios. A actual companhia, organizada pelo «avoir faire» de Ricardo Covões, é a maior e a melhor que se exhibe na Europa.

### Olimpia

Direção de Leopoldo O'Connell, um dos mestres da cinematografia portuguesa e um dos industriais mais categorizados. Filma de primeira escola. As grandes produções europeias e americanas. Ultima-men'e grandes transformações na sala e dependências, de forma a tornala a preferida do publico.



# Um beijo por 5 contos

Estão sendo frequentes entre nós os vigários de amor—os namorados burlescos, os casamentos beras. Esta página do "Reporter Misterio" loca, duma maneira saborosa e inédita, um caso verídico, que veio até, em parte, nos jornais diários.

**A**QUELA tarde Maria Helena hesitou muito em sair.

Nem as raparigas que conhecera na véspera, na pequena Assembleia da Granja, nem a sua antiga condiscipula do liceu do Porto a podiam acompanhar.

Tinham ido todas a um pic-nic aos areais. Ela não fôra, por ter chegado ainda ha pouco e não ter de momento um farnel para apresentar. Afinal, arrependia-se agora. A tarde longa e doirada sobre a praia parecer-lhe-ia enorme, sem fim, na monotomia do ruído das vagas, sem ninguem para trocar uma palavra. Positivamente, a Granja estava deserta.

Maria Helena hesitou um bocado entre a porta e depois, envolta num largo casaco de camurça branca, pegou num livro e saiu.

Sobre o mar, os barcos de Espinho navegavam distraídos ao sabor do vento.

Longe, nas dunas, as esteiras e os caniços da areia estavam imóveis. A tarde, serena, tinha a transparencia duma grande aguarela inglesa...

Na alameda surgiu, de bicicleta, um rapaz. Tinha um ar sportivo e vigoroso. Vinha em camisa, calça branca, sapatos de tennis.

Arrumou a maquina para o lado e sorriu-se á passagem de Maria Helena. Um sorriso perturbante, levemente trocista, e fixou nos olhos de Maria Helena o seu olhar intenso e demorado.

A rapariga seguiu para a praia. Havia poucos toldos e esses mesmos desertos. Brincavam, semi-nus, os pequenos dum banheiro, e mais adiante, alguns ingleses tomavam comodamente o seu "tea", em pequenas mesas de laca branca.

Maria Helena sentou-se sob um toldo. Abriu um livro; principiou a ler, mas sobre as paginas impressas começou

a dançar essa figura lesta e viva, que saltara da maquina, e lhe sorrira, com esse vago olhar que tudo promete, sorriso que manda, sorriso e olhar imperioso, que a obrigara a baixar os olhos. Quem seria?

Sobre a areia, de repente, passou alguém.

Era a figura do rapaz, atletica e firme, desenhando-se agora melhor na malha justa do fato de banho.

Todos os sentidos de Maria Helena se excitaram. A' luz doirada da tarde, o corpo do rapaz tomara a modelação das velhas estatuas da Grecia.

Ele entrou na agua, agil, nadando em largas braçadas para o oceano sensual e acolhedor, a essa hora morna, em que as proprias vagas pareciam espalhar-se na areia com uma volúpia nova...

Ao fim dessa tarde, tinham-se falado.



Na alameda surgiu, de bicicleta, um rapaz.

Como? Nem ela propria sabia. A verdade é que, quando a luz era já violeta, e o sol, ao longe, deixava todo o horizonte numa grande écharpe «gris»,

os dois vinham juntos, falando de tudo e de nada, pela praia fóra.

Nessa noite dançaram sempre.

Ele—dizia-lhe a cada passo—era official de marinha—por isso nadava tão bem—e queria casar.

Uma tia, em Lisboa, patrocinaria o seu enlace. Desde que fosse uma «menina seria e filha de boa gente»—como dizia a tia, tinham casa—era a casa dela, e o enxoval não faltaria.

Então, Maria Helena, uma noite, na cerca do chalet, recebeu o rapaz.

Entraram em confidencias. Ela era rica. Muito rica, mesmo. E filha unica.

Viviam numa aldeia—Vil de Moinhos cerca de Viseu: Mas ali não aparecia ninguem e Maria Helena sonhara com o grande mundo, com os teatros, com Lisboa...

Tambem ela queria casar... E, nessa



Entraram em confidencias.

noite, em que um longo beijo poz termo á entrevista, Maria Helena, ao voltar á sua cama de solteira, sonhou. Via-o a ele, de galões de official de marinha, tevendo-a pelo braço, atravez viagens maravilhosas, a paizes encantados e desconhecidos...

Havia de pedir-lhe que se fardasse!

Foi todo um idílio de promessas felizes. Ele interessava-se muito pela vida da rapariga. Queria saber se namorava alguém, se tinha irmãos, o que seria a sua fortuna pessoal.

Haviam de ser muito felizes! O soldo era pequeno, mas com a ajuda de Deus e da tia nada faltaria, mesmo sem contar com a fortuna de Maria Helena, que ele não queria saber de dinheiro!

Nessa noite Maria Helena quiz um grande beijo. O rapaz deu-lho. Partiu-se o fio de perolas e ele guardou-o logo para se concertar. Valia 5 contos...

Quando, os dois, altas horas, sob a luz dum palido luar de Setembro, se beijaram na pequenina cerca do chalet, ninguem diria que esse par amoroso formado pela figurinha gentil e morena de Maria Helena,—com o seu lindo ar provinciano, ingenuo e confiante, e a desempenada, vigorosa silhueta do «official de marinha», não fosse um par de pombinhos—destes namorados portugueses, que outros não ha mais cheios de ternur, de delicadeza, de sentimento e de graça!

Um dia, ele foi apresentado em casa, Maria Helena viera com um tio. Era orfão de pai e mãe. O tio ficara como tutor duma fortuna solidia, em boas lojas de Viseu, e casas e quintas de renda e passadio em toda a Beira Alta.

Foi um dia de festa.

A' tarde, no jardim, Maria Helena mostrou-lhe um cofresinho de tartaruga, com ferragem de prata, onde estavam as joias da mãe...

O rapaz achou-as valiosas—mas antigas.

Ele conhecia em Lisboa um ourives «muito serio» e, se ela quizesse, podiam-se transformar os velhos braceletes em «pendentifs» artisticos e modernos, que ficariam muito bem sobre o seu peito airoso. E ficou logo combinado que sim, que quando ele viesse para Lisboa, para se «apresentar» ao serviço, trazia as «joias da mamã».

O falso official de marinha tinha uma cronica conhecida nos «bas-fonds» da Lisboa dos boemios e dos clubs.

Era um desses rapazes que, falido dos liceus, onde o pai, já falecido, um velho official do ultramar, o metera, enveredara depois pelas esturdias duvidosas das batotas baixas e dera-se a frequentar as alfurjas onde a miseria arrasta os ultimos naufragos da vida.

No seu cerebro havia um pouco de tudo, e o golpe que tentara, nesse verão, na Granja, surtira efeito pleno. Como quere que a natureza lhe desse um ar de saude e de desembaraço, conseguiu numa burla, no Porto, os cinco contos com que se encadernara para o tiro de verão, como ele chamava ao seu negocio de amor.

E, ao voltar, como «grand segneur», no «sud», para Lisboa, o rapaz, acariciando o cofre das joias, calculava «grosso modo» em mais de cem contos aquele quilo e meio de diamantes, de perolas e de ouro velho.

Foi ao «restaurant» do comboio e, tremulo, abriu o cofre. Era todo um faiscar de joias ricas no cochinsinho de veludo azul. No meio, discreta e deitada, uma fotografia de mulher, que o fez tremer... Era o lindo sorriso de Maria Helena!

Quando, uma noite, a policia, informada, o veio prender a um café da Rua 1.ª de Dezembro—o falso official já não tinha em seu poder um diamante sequer. Voára tudo, no vortice do jogo e da esturdia, em menos de mês e meio. A queixa fôra apresentada pelo tio de Maria Helena, depois de em vão esperarem pelo «official», semanas seguidas.

A rapariga, essa estava combalida e doente, no Porto.

O rapaz entrou no calabouço ás 11 horas da noite.

Vinha do corredor uma luz crua de lampadas electricas e sufocava-se em fumo e em desinfectantes energicos, postos nos mictorios.

Num molho, os cadastrados da ultima rusga dormiam sobre uma tarimba.

Um negro, descalço e ferido, gemia numa lenga-lenga tragica. Tudo em volta eram molhos de farrapos vencidos pela miseria. O rapaz sentou-se.

A' luz mortifica duma lampada meio



UMA NOVELA SENTIMENTAL!  
COMPLETA

**T**ROCANDO ha dias impressões com um dos mais conceituados pessimistas da nossa praça, sobre os constantes progressos da aviação, fiquei alarmado com algumas das suas considerações, acerca dos perigos que daí podem advir.

—Não tenha duvida que é um perigo para todos nós, dizia-me ele, isto de as mulheres irem agora também pelos ares.

—Elas sempre foram mais ou menos cabecinhas no ar...

—Mas agora, com todo o corpo, muito pior, meu caro amigo. Principalmente sendo interessantes como a que ha dias esteve em Lisboa; a formosa Miss Ruth, que fez andar a cabeça á roda a todos os jornalistas e aviadores que a foram cumprimentar.

—Mas não vejo onde o meu amigo quer chegar?

—Sinto-me bem aqui.

—Refiro-me ás conclusões do seu raciocínio.

—Ah! Pois é muito simples. Suponha o que será de nós, se dum momento para o outro, as senhoras bonitas começam a cruzar o espaço, a frequentar em vez da alta roda as altas camadas atmosfericas.

—E então?

—Vai tudo pelos ares.

—Para quê?

—Para as seguir. Aí vai toda essa enorme legião de mirones atiradiços que enchameiam por essas ruas da baixa; aí vão todos esses moços das esquinas do Chiado, da Marques, da Monaco, da Brasileira, da R. do Ouro...

—Mas é uma limpeza.

—Pois sim, mas um grande perigo para os que andam cá por baixo. Qualquer 'panne', qualquer escorregadela aerea, qualquer casquinha de laranja atmosferica e zás, lá vem um desses conquistadores desabar sobre as nossas pobres cabeças.

—No entanto devemos reconhecer que é de tentar uma entrevista no espaço, na pureza eterea do infinito. Então é que poderá com propriedade afirmar se que subimos ao setimo ceu.

—Mesmo ás trapeiras celestes. Mas continuo na minha; é um grave perigo para todos nós. De todos os conflitos que se derem lá por cima, de todos os dramas passionais, seremos nós os sacrificados, sofrendo-lhes as

queimada tirou da algibeira um pequeno retrato.

Maria Helena, (Granja), 23 de Agosto.

E, instantaneamente, os olhos humedeceram-se-lhe...

A tentativa de suicidio em que os jornais falaram foi verdadeira.

Meio centimetro a mais e as carotidas teriam sido atingidas. Assim, foram só dois meses de hospital e tres anos de Africa...

O Reporter Misterio

consequencias, aparando as vitimas e os destroços da tragedia.

—Não pense nisso; nenhum de nós se resignará depois a ficar peão eternamente, a andar cá por baixo, terra a terra. Quem não quererá voar!? Ninguém. Calcule o que será uma aventura no espaço, uma verdadeira aventura celeste! E então, quando aquela que nos tente a subir se chamar tambem Celeste, será tudo celestial. Será belo então voar. Voar nas asas do amor!

\*Quem não ha-de ter azas para um sonho desses!

—Eu, por exemplo, que com os



Aí vai toda essa enorme legião de mirones atiradiços...

meus 90 kilos não arranjo asas que em sirvam, com certeza; que me estejam na medida. Nem eu posso andar com uma coisa dessas. O que diriam em casa, se me vissem entrar assim alado. Era caso para se porem de lado imediatamente. Se não me acontecesse pior. Quando fosse a sair com asas, no momento azado e aprazado para qualquer entrevista, era caso para cair sobre mim, deixando-me dezasado. Nem pensar nisso é bom. De resto, não estou habituado a grandes vôos, a cavalarias altas.

—Sim, Você não está costumado a subir...

—Só a escada, quando volto para casa.

—Ora, meu amigo, perante uma gentil aviadora, qualquer de nós se lançava por esses ares.

—Pois aí é que está o mal. Era isso que se devia evitar. Vai ser um perigo para a humanidade. Veja o que aconteceu com a visita da aviadora americana. Andaram as redacções quasi em peso por ares e ventos, tripulando os Junker's; andaram os varios redactores dos varios jornais, dos varios paes, cruzando o espaço, apenas para bisbilhotarem a beleza da pequena, com o perigo de deixarem as respectivas gazetas orfãs das suas penas. E se esta furia aviatoria começa a atacar o sexo fraco, calcule o que será de nós. Começam todos a cruzar o espaço; começam todos a aviar se para as seguir, começam todos, aviadores profissionais e amadores, principalmente os amadores... do belo sexo, a atirarem com os aparelhos ao ar; com risco da nossa integridade fisica e grave prejuizo para a nossa balança economica, porque não ganharemos para os aviões que se hão-de espatifar e não nos aguentaremos no balanço. Entendo que de futuro deveriam obri-

gar todas as senhoras que se dediquem á aviação a usar aquele distintivo que têm certas cabines da electricidade «perigo de morte».

\*Sim porque, um pobre chefe de familia, sem tal aviso, pode, ao sair pacatamente da sua repartição, perder a cabeça e, arriscando, a vida demandar o espaço na esteira de qualquer gentil aviadora que lhe cáia do ceu aos trambolhões.

—Mas o perigo é deles. Que não se metam em aventuras e já não correm esse risco.

—Para eles e para nós. Pois se já nos vemos aflitos com as ondas, com as vagas de taxis desenfreados que circulam por essas ruas, o que será de nós quando a circulação lá por cima atingir igual intensidade. Ficaremos cercados de perigos por cima, por baixo, por toda a parte.

—Qual historia; o transito aereo será

# Perigo de morte

Ironicas considerações sobre os graves riscos a que a humanidade vai estar sujeita, com os «raids» aereos do belo sexo.

—Claro; guardas alados de capacete branco e presos a balões cativos...

—Então os guardas é que hão de estar presos a balões cativos? Isso é um paradoxo, policias presos.

—Será apenas por um fio. E para os sinais, em vez de simples apito, imitarão o trinar dos rouxinões e de outras aves, o que até lhes dará um certo encanto, regulando tambem o transito com um apropriado bater de asas.

—Serão então aos olhos das soperas uns autenticos anjos da guarda.

—Alguns mesmo provenientes da guarda... republicana.

—Apesar disso estou na minha: os desastres serão muitos e os perigos serão grandes. Se todas as senhoras finteressadas começam a pairar no espaço, onde iremos nós tambem pairar. O que será daqueles predios da baixa, até aqui sustentados pelos varios cardumes de mirones que lhes escoram as esquinas e que irão pou-sar nas varias esquinas do firmamento. A avaliar pelo entusiasmo que despertou agora a American Girl, o que farão os nossos numerosos Boys atiradiços, quando as Girls portuguesas se lançarem no espaço.

—Então você não achou natural a recepção que lhe fizeram? Estas efusões, este entusiasmo, estas expansões. Não acha que os nossos ases a deviam receber condignamente, como colegas, como aviadores?

—Qual, meu amigo; quais recepções, quais efusões; os nossos aviadores andavam todos, afinal, a arrastar-lhe a asa.

... guardas alados de capacete branco e presos a balões cativos...



tambem regulado convenientemente. Não tenha duvidas. O Snr. Ferreira do Amaral levantará logo vôo e estabelecerá o novo serviço de sinaleiros celestiais.

—Essa agora?

AUGUSTO CUNHA

«WINKELMANN» - Pianos

CONSTRUÇÃO única; Marca criada em 1837, Janeiro Nunes & C.ª (Filhos) — 108, Rua dos

Retroseiros, 110 LISBOA — Casa especialidade



MOINHO DE PACIENCIA

6.<sup>a</sup> SERIE  
SECCÃO CHARADISTICA  
SOB A DIRECCÃO DE  
VISCONDE DA RELVA  
6 OUTUBRO 1927

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada a Americo J. L. Coelho—Rua D. Pedro V, 18—Lisboa

CHARADAS EM VERSO

(Resposta á "cantata" de «Rei-Fera»)

- 1 Sua cãlida paixão,  
Devera ser declarada  
Mais cedo. Foi-me enviada  
Já fora de ocasião.
- Talvez lhe desse atenção,  
Para não ficar calada,—2  
Se não fosse já casada  
Com um belo moçetto!
- Faz muito bem pois, amigo,—1  
Crendo nisto que lhe digo:  
Dê essa paixão por morta.
- Só lhe resta p'ra consólo,  
Não qu'rendo passar por tolo,  
Ir bater a outra porta.

Lisboa MARIANJTA

(A todos os illustres confrades e confradas)

- 2 Ousadamente tomo a liberdade—3  
De, aqui onse as charadas são granitos,—1  
Num "ampliado", abraço de amizade,  
Estreitar os meus confrades alfitos...

Lisboa EL-REI (A. C. P. B.)

ENIGMAS EM VERSO

- 3 Pensei:—Sim, é forçoso eu esquecer:  
P'ra mim que val' seu rir tão mentiroso?  
O seu olhar é falso e venenoso,  
E a sua boca mente ao prometter.
- Pensei:—Sim, nunca mais a devo ver;  
Que vale essa mulher—ter horroroso?—  
Seu coração é pó insidioso  
Que se insinua na alma e faz sofrer...
- Pensei... pensei a noite e o dia inteiro...  
E vi tantos horrores com tristeza...  
A Ema tra o meu amor primeiro...
- Esquecer, não! Perdão. Santa fraqueza!  
Vem! Vem, e polvilha o meu castiçero  
Com teu sorrir que é mau mas tem beleza!...

Lisboa REI-FERA (A. C. P. B.)

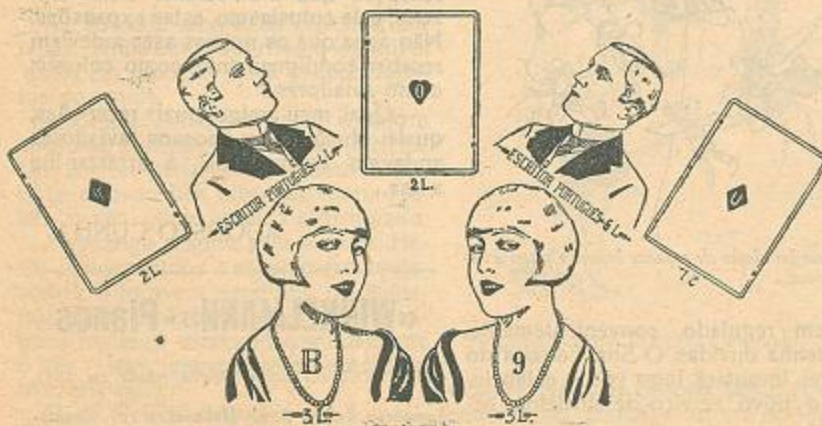
- 4 Só com tres letras  
Mas não iguais,  
Rio da Espanha  
Decerto achás,

Cascais ANELE

- 5 Ela é multição,  
Sendo ele confesso;  
É o asmeniativo,  
Carrugem de uso.

Maíra PÍGARO

20—ENIGNA FIGURADO (Agradecendo a «Avisão» o seu «As nove»...)



Lisboa ORLANDO O PALADINO

CHARADAS EM FRASE

- 6 A um homem de talento não se admitta um dispa-  
rate.—3—2
- Barrozelas ABADE MECUM  
Treplica ao navrativo «Jamengal», lembrando-lhe que  
nem sempre convem ser vento «Dominante».
- 7 Não vê, caro «partenar», que até mesmo te tens  
arruinado, querendo ser vento Este?—1—1
- Lisboa AULEDO  
(Fazendo crer aos tertulianos que «sacram na sifa».)
- 8 A vossa apreciável colaboração destrói as secções  
onde entra. Qualquer dia isto é um «Moinho» devastado...  
—4—1.
- Lisboa BIXO KNHOTO (A. C. P. B.)
- 9 A seda da China foi oferecida ao «Rei da Pérsia»,  
para gnarnecer um candélabro.—2—3.
- Lisboa CAPITÃO BOCHE
- 10 Você é injusto para comigo! Cria que sinto pesar  
por me ter julgado mal.—3—1.
- Almeirim D. GALENO (A. C. P. B.)
- 11 Carece de correspondência uma secção vil, feita sem  
comiseração, por alguém consciente de ter sido repug-  
nante.—3—1.
- Lisboa DITE
- 12 Então v. assenta uma tremenda bofetada na cara  
do seu amigo, exactamente no sítio onde lhe a linha  
arranhado com a navalha mal afiada ao fazer a barba?  
—4—1.
- Dáfundo D. SIMPATICO (A. C. P. B.)
- 13 Bate em teu filho com piedade, pois lhe não merece  
ser lho castigado.—3—1.
- Lisboa D. VASCO
- 14 Minha mãe tem boas maneiras para governar.—2—1.
- Maíra IDILIO
- 15 Veja se se remadela por algum tempo com essa ve-  
lha mantilha pois é um abáto revestido de falsas apo-  
renhas de novo.—3—1.
- Bemfica GABI

(Ao preclarissimo confrade «Britabranites»)

16 O snr. não é uma vulgaridade em charadismo, mas  
é ainda rapaz. Trabalhe muito, e não tenha vaidade  
—2—2.

Barcarena PATO BIGAS (A. C. P. B.)

(Aos meus amigos P. Leite e Costa Reis)

- 17 O vosso desfo de «box» foi pena não ter sido  
«decidido», por K. O.—3—1.
- Patto RENANDOP
- 18 E claro que uma «pedra de amolar» custa muito  
dinheiro.—1—1.
- Viana do Castelo TANSOS
- 19 Através do tempo, uma mulher bondosa transfor-  
ma-se numa mulher maliciosa.—2—2.
- Verdejo do Minho ZE MATIAS

CASAS PALAVRUCRUCADAS  
passatempo moda

Secção dirigida por VISCONDE DA RELVA

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada a Americo J. L. Coelho—Rua D. Pedro V, 18—LISBOA

Apuramento do N.º 143

DECIFRADORES

BARÃO DO TACHO, CAPITÃO BOCHE,  
DR. ATEU, DR. MISTÉRIO, EDIPO IGNO-  
TO, POFORONOFF, MENINA XÓ, PAUSA-  
NIAS, RENANDOP, SPARTANUS

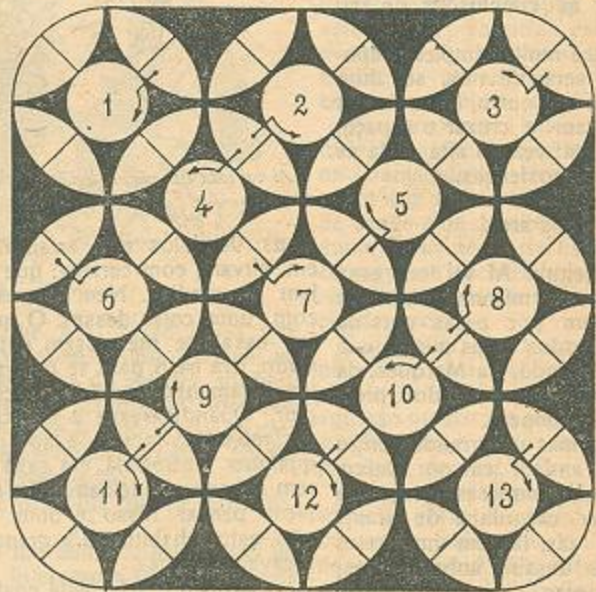
VERTICAIS.—1 Namorado. 2 Risada. 3 Rê,  
«sami», re. 4 Ate, rã, fes. 5 Vogo, faca. 6 Iler,  
olas. 7 Dou, lo, ata. 8 «Au», mero, «od». 9  
Rasada. 10 Mor, ira. 11 Imo, amo, 12 Ater-  
ra. 13 Mu, arau, «ne». 14 Era, ai, pos. 15  
«tbsp», poja. 16 Ripa, olor. 17 «ona», mo, aso.  
18 Pó, lira, os. 19 Marido. 20 garatusa.

PROBLEMA DE HOJE

PALAVRAS CIRCO INTERCALADAS

DESIGNAÇÕES

HORIZONTAIS.—1 Dravidas, Emetrope, 2  
Atalou, Mi, Urbino. 3 Ar, Egeu, Roma, áspa, 1 «Músico Português». 2 «Passaros». 3 Vi-



ma. 4 Mis, Or, marota, pa, lar. 5 «Osar», les,  
era, mira, 6 Rama, ors, Riü, «orit». 7 Adl, fo,  
odiara, pó, adu. 8 Da, fala, arma, pola, os. 9  
Recato, ao, nojoso. 10 Desassado, pesaroso.  
deira. 4 «Homem». 5 Armadilha. 6 Univers.  
7 jornalista. 8 Grande sofrimento. 9 Demo-  
rado. 10 Devoto de missas. 11 Penoso. 12 Di-  
vidida. 13 Reduzir.

Sabão Simão

(Sabão crême desengordurante)

Não tem rival—Útil em todas as casas

Excelente para limpeza de marmores, es-  
maltes, alum. rio, metais, vidros, etc.  
O melhor desengordurante para limpeza  
de mãos.— Útil em todas as oficinas e ga-  
rages.

Peles e conteções de peles  
DAVID. L. DA  
PORTUGUESE FUR COMPANY  
14, Largo da Biblioteca, Cave—LISBOA



VARIA

A HORA DOS CABELEIREIROS

DAMAS

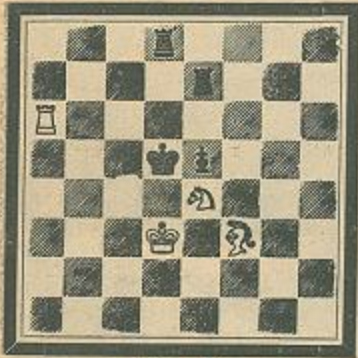


A correspondência sobre esta secção pode ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

N.º 147- PROBLEMA

Por A. W. Mongredien

Pretas (4)



Branças (4)

Mate em 3 lances

Solução do problema n.º 146

(Zangger)

1. T e 2-a 2, R-a 7; 2 R x a 5 etc.  
B-joga; 2 R-b 3 + seguido de T b 8-b 5 etc.

CAMPEONATO DO MUNDO. — 19.ª partida, Capablanca com as brancas, defesa francesa, empatada em 21 lances.

20.ª partida: P D; empatada em 43 lances.

21.ª partida: P D; Alekhine ganha em 32 lances

A situação fica, pois, após esta partida:

Alekhine: 4

Capablanca: 2

Empatadas: 15

Como se vê Capablanca está numa situação critica, e corre serios riscos de perder o titulo de campeão do mundo.

SABEM quanto ganha um oficial de cabeleireiro, em qualquer modesto «salon de coiffure», desta Lisboa pacata? Nada menos de mil e quinhentos escudos mensais, e, muitas vezes, três mil. Quere dizer: mais do que ganha um professor efectivo do liceu, e, não raramente, mais do que recebe um lente da Universidade. A profissão é tão rendosa que, ainda recentemente, veiu para Lisboa um cabeleireiro francês, que já tem dezenas de discipulos. Ponham aqui os olhos os pais de familia, que mandam os meninos para o liceu, na mira de os transformarem em doutores...

E não se pode dizer que os penteados de hoje exijam altos predicados artisticos. Mais «garçonne» menos «Joãozinho», mais «niña de «Velasquez» menos «franginhas», tudo anda á roda dá mesma cousa.

EA hora, no entanto, é de homenagem aos cabeleireiros, a cujas fantasias se curvam os modistos e as elegantes.

Recentemente, inaugurou-se, em Paris, o Salon de coiffure, com a assistência do elemento oficial: ministros do Comércio e do Trabalho,

do nosso Nicolau Tolentino? Quem não compreendeu a surpresa da encolerizada senhora que, procurando por toda a casa um colchão fôfo e de penas, o foi encontrar dentro do toucado da filha, «môça esbelta e aperaltada».

Percorrendo os numerosos stands do Salão de penteados, passam-se umas horas agradaveis. Nêle se e encontram manequims artisticamente agrupados, representando o peateado feminino em todas as épocas. Ai se vê que a moda dos cabelos curtos remonta a respeitavel antiguidade. Na Grécia, onde os homens são atletas e soldados, o hábito dos «sports», que as mulheres também praticam, faz nascer a moda dos cabelos curtos, em cidades como Sparta, da qual o desenhador Héronard nos dá um belo quadro. Noutro recanto da exposição somos transportados para o Egipto, onde a mulher aparece com as suas tranças firmemente sejeitas por uns cordões de cânhamo, entrançados com os cabelos. Outro grupo muito artistico é o de Ninon de Lenclos.

La belle et charmante Ninon  
A'laquelle jamais on ne repondra non a cujos pés figura um dos seus apaixonados, um daqueles a quem ela não tinha coragem



A complicação e a simplicidade, nos penteados. De Maria Antonieta aos «Joãozinhos» de hoje

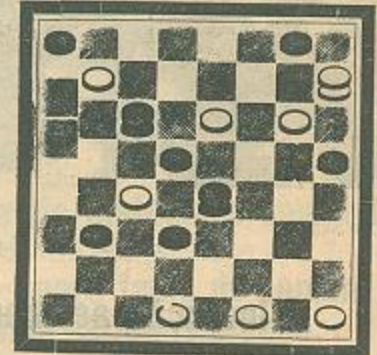


Toda a correspondência referente a esta secção deve ser enviada a Artur Ferreira Santos, para o «Domingo Ilustrado», Rua D. Pedro V, 18

Solução do problema n.º 140

Branças	Pretas
1	4-8
2	7-11
3	2-16
4	30-26
5	5-9
6	26-13-2
7	21-25
8	25-30 D
10	23-19
11	19-1

PROBLEMA N.º 141  
Pretas 2 D e 6 p.



Branças 1 D e 7 p.

Saem as brancas e ganham.  
O problema hoje publicado é pelo sr. Adriano Barata Salgueiro dedicado ao Ex.º Sr. João Costa, gerente da Casa Bazarista Costa & C.ª, da Figueira da Foz.  
Resolveram o problema n.º 139 os srs. Adriano Barata Salgueiro (Bemfica), Armando Pinto Machado (Ilhavo), José Brandão (Infante), H. Braga (Setúbal), Maria Domingos Pereira e Miguel Jesus Panamacho (Vila Real Santo Antonio).

Fornecedores de Sua Magestade  
Rei Jorge V de Inglaterra

# BOVRIL

O Poderoso Fortificante

ESTIMULA E ALIMENTA SEM ESFORÇOS DIGESTIVOS.

A Força da Carne está no Bovril.

Agentes em Portugal:  
A. L. Simões e Pina, L.ª  
RUA DAS FLORES, 22 — LISBOA



## MOVEIS E ESTOFOS AO CONFORTAVEL

DE Nascimento Piedade

TELEFONE N. 3968  
Rua da Palma, 109 a 113  
LISBOA

de dizer «ni oui, né non» (o que, segundo a tradição, deu origem ao seu nome.

Na época de Luis XVI, o cabeleireiro Leonard, para adular a rainha, que começa a perder o cabelo, inventou a «coiffure à l'enfant», logo imitada por todas as senhoras da corte. Depois do ano do Terror, o Directorio pôe em voga o penteado do «sacrificio»—cabelos curtos e nuca rapada (tal como as mulheres nobres seguiam para o cadafalso). Por essa mesma época, o actor Talma lançava a moda dos cabelos á Tito, ou seja, também cabelos cortados.

Vem depois a época romântica, quando a imperatriz Eugénia penteia os seus cabelos loiros, quasi ruivos, formado saca-rolhas, como aparece no retrato de Winteshalter. Por essa mesma ocasião, Frederico Madrago retrata a rainha Isabel II com os famosos «bandós», que ainda há pouco tempo eram usados.

Temos, depois, os penteados ridiculos do século XIX—os «rêlos», os «tejadilhos», os «chichis», até aparecer a moda dos cabelos cortados, recebida com certa relutância e hoje adoptada pela maior parte das mulheres de todas as nacionalidades. Não são os modistos que fazem as modas (—disse um escritor—), mas os costumes. Para a nossa época desportiva—época do «golfe», do «tennis», dos concursos hípicas, da travessia da Mancha a nado, da travessia do Atlantico em avião, está naturalmente indicada a moda dos cabelos cortados. A Exposição do Penteado mostra já, porém, a última evolução da moda feminina: o cabelo á «garçonne» entrou na agonia e os cabelos continuam curtos mas ondulados, de forma a fazer realçar a beleza feminina. No recinto da Exposição tem-se organizado interessantes concursos, durante os quais alguns manequims se pientiam em público, desvendando os preciosos segredos da sua arte.

# TODDY

Dá ás crianças uma saúde de ferro.  
E' o alimento energico por excellencia para novos e velhos.

A' venda nas farmacias, drogarias, confeitarias, mercearias e leitarias.

Representantes exclusivos:  
MANTUA, L.ª

29, Calçada de S. Francisco, 37 — LISBOA

SAPATARIA EUROPA

AUGUSTO NUNES DA SILVA

O melhor calçado, o mais resistente a par da maxima flexibilidade, o maximo de conforto e requintadamente artistico

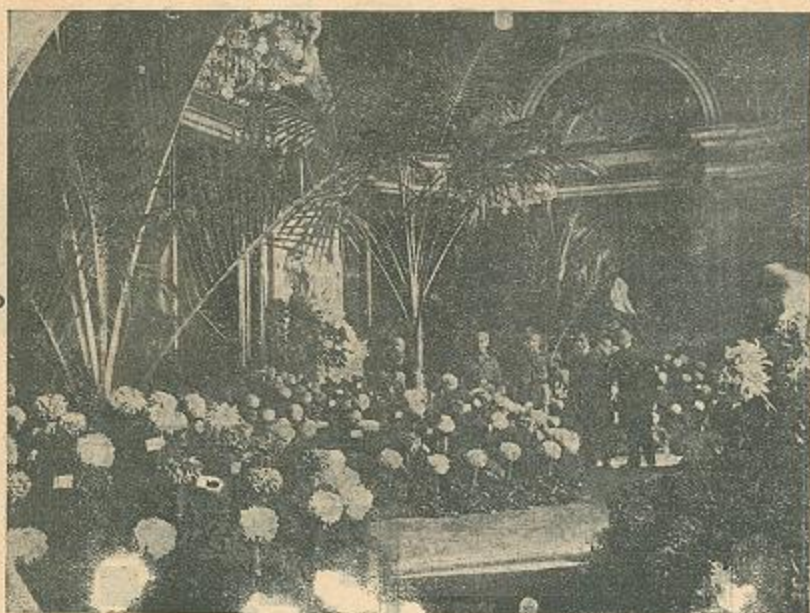
Todas as materias primas são importadas dir ctamente das mais acreditadas casas estrangeiras. Colação em lézard de Java, crocodiles e antilopes véritables, setins e lamés em todas as cores.  
R. do Mundo, 47—Telef. T. 790 — LISBOA



# actualidades graficas

## EXPOSIÇÃO DE CRISANTEMOS

## RUTH ELDER EM PARIS



Na Cama... tado e de outras altas individualidades.

### Inovação aeronáutica



Em vez das rodas clássicas para a aterragem, um inventor propõe o uso de lagartas, como os tractores, o que parece trazer um considerável acréscimo de segurança e de estabilidade aos aparelhos.

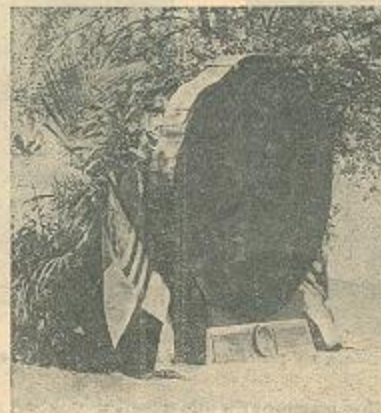
(Foto Mourisse)

### O dia de Finados



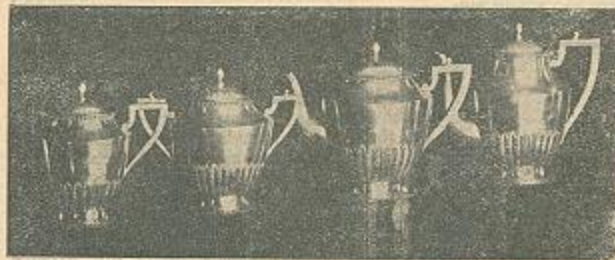
A piedosa romagem ao cemitério dos Prazeres, no dia que a Igreja consagra aos Fieis defuntos.

### Uma árvore gigantesca



Uma árvore da Califórnia, com milhares de anos, caiu instantaneamente no dia do armistício. Como recordação guarda-se preciosamente este bocão de tronco, relíquia formidável, no Museu da Guerra de Paris. (Foto Mourisse)

### A Arte Portuguesa da Prata



Quatro riquíssimas peças, originais da afamada joalheria J. M. & Pedro Fraga, da Rua da Palma, 82

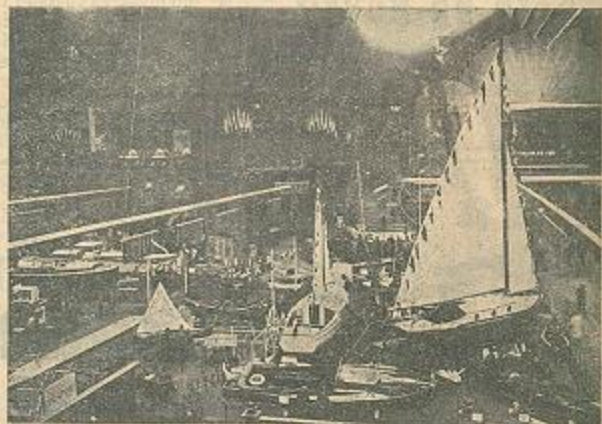
### Nova lancha salva-vidas



Em este pequeno bote a particularidade curiosa de, sendo insumergível, ser também duma extrema leveza e portátil. É de borracha e pode ser rapidamente cheio com uma vulgar bomba.

(Foto Mourisse)

### O Salão Náutico



Abriu recentemente em Paris a exposição de barcos automoveis, veleiros e «racers», que constituiu um grande êxito. (Foto Mourisse)



PUBLICIDADE

# SAUDE E FORÇA

SÓ COM O



FOR CADA LATA D'AMOS ESTE ESPELHO-BRINDE



Enviamos gratis e franco prospectos a quem os pedir



Fachada do Deposito do **HÄMATOPAN** em Lisboa  
RUA DE D. PEDRO V, 32-34

**HENRIQUE LINKER, L. DA**

Rua de D. Pedro V, 32-34—LISBOA

Envie este cupon

Nome.....  
Rua.....  
Cidade.....

# Casa Africana

RUA AUGUSTA, 161 — LISBOA  
RUA 31 DE JANEIRO, 220 — PORTO

## Inauguração da Estação de Inverno

Com grandes exposições nas nossas vastas montras de todos os artigos que constituem o nosso colossal e variado sortido para a presente estação. **Os mais chics modelos em vestidos, manteaux, chapéus e casacos de peles** adquiridos nas principais casas do estrangeiro. **Lindos padrões de grande fantasia e novidade em tecidos de lã e seda.** Grande existencia em tecidos nacionais e estrangeiros para fatos de homem e impermeaveis para os mais variados preços.

### IMPORTANTE

Para que todos os Ex.<sup>mos</sup> Clientes possam apreciar a nossa exposição, conservamo-la aberta com grande iluminação até às 23 horas.

## Antiquidades

A' venda e em exposição no BRIC-A-BRAC ESTRELA. Calçada da Estrela, 57 (esquina da Rua Miguel Lupi)

## HOTEL LUSO-ITALIANO

**PAREDE**

(LINHA DE CASCAIS)

**ABERTO TODO O ANO**

**SERVIÇO DE RESTAURANT—CHAS**

**Constantino Molle**

**FUNERAES** TELEF. 1094 N.

DOS MAIS SIMPLES AOS  
MAIS LUXUOSOS

TRASLADAÇÕES  
PARA TODOS OS CEMITERIOS,  
PROVINCIA, ETC.

PREÇOS REDUZIDOS

SERVIÇO PERMANENTE

131. R. DOS ANJOS, 133

RESIDENCIA:  
RUA DOS ANJOS, 139. 2.º E.

**LISBOA**

MARIO AUGUSTO DA SILVA MILHEIRO



A maior firaçem de todos os semanarios portugueses

# O DOMINGO

ASSINATURAS

CONTINENTE E HESPAÑA

ANO - 48 ESCUDO -

SEMESTRE - 24 ESC -

TRIMESTRE - 12 ESC -

## *ilustrado*

ASSINATURAS

COLONIAS

ANO 52x20 - SEMESTRE 26x10

ESTRANGEIRO

ANO 64x64 - SEMESTRE 32x32

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



### ○ grande momento tragico do «Principessa Matilda»

Durante uma refeição no salão de luxo, as caldeiras estalaram e o grande transatlantico foi inundado pela agua dos depositos, antes mesmo de se afundar. O panico foi terrivel e o desastre, dos maiores de toda a historia tragico-maritima.]